



**ESTÍMULO À PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO COMO ESTRATÉGIA PARA
AMPLIAR AUTONOMIA, ESCOLHAS ALIMENTARES E PRESERVAR SABERES.**

Lauro Edilso Bernardi¹

Emater/RS-Ascar, Lajeado/RS, lebernardi62@yahoo.com

Luísa Leupolt Campos²

Emater/RS-Ascar, Montenegro/RS, lcampos@emater.tche.br

Resumo

Este relato compartilha o trabalho desenvolvido por profissionais da Emater/RS-Ascar junto a 482 municípios do RS que têm como propósito fortalecer a produção para autoconsumo. Tendo como ponto de partida a adequada apropriação dos papéis desta prática, extensionistas da área agropecuária e social atuam junto a grupos e famílias assistidas na atividade de segurança e soberania alimentar, ação que alcança 23% do público atendido anualmente em todas as atividades da Insituição. Tal ação, associada a metodologias de troca de saberes utilizadas, oferece às famílias rurais compreensão e reação à realidade de redução dos espaços históricos de produção de alimentos, causada pela escassez de mão de obra envolvida com o fazer agri-culturas e pelo avanço do cultivo de *commodities* nos territórios rurais. Esta ação, imbricada a outras atividades correlatas desenvolvidas pelos serviços de ATERS, contribui para a ampliação da sociobiodiversidade³.

Palavras-Chave: Segurança alimentar; Valorização; Sociobiodiversidade.

Contexto

A produção para autoconsumo, prática tradicional em muitas propriedades familiares, é definida como “parcela da produção animal, vegetal ou transformação caseira, que foi produzida pelos membros de uma família e que é utilizada na alimentação do grupo doméstico, de acordo com as suas necessidades” (Gazolla; Schneider, 2007).

A agricultura familiar gaúcha, a partir da diversidade de povos e etnias que a formatou, possuía base alimentar diversificada. Essa característica vem se perdendo, com a redução da mão de obra e o avanço do arrendamento para cultivo de *commodities*. Nesse contexto, cabe à extensão rural ressignificar esta prática.

A produção para o autoconsumo cumpre múltiplos papéis, como a transmissão do conhecimento entre gerações, com técnicas de produção sendo socializadas entre pais e filhos. Esses saberes, sobre distintos sistemas produtivos animais e vegetais, integram o chamado “modo de vida”, e são assimilados aos poucos, constituindo elementos

¹ Engenheiro agrônomo (UFSM), Especialista em Gestão e Planejamento Ambiental (Univates) e MSc. Extensão Rural (UFSM). Assistente Técnico Regional em Sistemas de Produção Vegetal com foco em horticultura, abastecimento e políticas públicas.

² Engenheira agrônoma (UFRGS), Mestra em Desenvolvimento Rural (UFRGS) e extensionista rural agropecuária no Escritório Municipal da Emater de Montenegro.

³ Sociobiodiversidade é um conceito que envolve a relação entre a diversidade biológica, os sistemas alimentares tradicionais (agrobiodiversidade) e o uso e manejo desses recursos com o conhecimento e a cultura das pulações tradicionais e dos agricultores familiares.



fundamentais que permitem, com o tempo, o surgimento de ações e até mesmo de empreendimentos que encontram nessas bases seu alicerce essencial.

Exemplo dessa base de conhecimento está na dissertação do extensionista Derli Paulo Bonine, que avaliou a diversidade genética e de espécies em cultivos e criações na agricultura familiar em duas comunidades de Teutônia/RS. No estudo (BONINE, 2002), o agricultor Nilo Thies afirmou cultivar cerca de dez variedades de cana-de-açúcar, diferenciadas por uso: “As macias, como a bambu e a ligeirinha, são utilizadas na alimentação das vacas, após serem trituradas. A cana vermelha ligeira é especial para fabricação de melado, por seu alto teor de açúcar. Para confecção de doce tipo *schmier* é preferida a cana bambu, com menor teor de açúcar, pois cana com muito açúcar ‘endurece rapidamente durante a confecção do doce, não se obtendo a consistência desejada’. Outras variedades mencionadas foram a taquarinha e a cana de burro”.

A produção para autoconsumo também atua como instrumento de sociabilização das famílias e comunidades rurais. Por meio desta prática, muitas famílias se aproximam ao trocar ou doar mudas, material genético destinado ao plantio ou à criação animal, ou alimentos. Esta reciprocidade gera vínculos baseados em ações concretas, mais do que em palavras, fortalecendo os laços afetivos entre indivíduos e famílias.

Outra dimensão relevante da produção para autoconsumo é o fortalecimento da autonomia das famílias, que passam a depender menos do mercado e de suas condições de troca. Com parte da alimentação assegurada, reduzem-se as vulnerabilidades, especialmente em contextos de escassez e crises.

O alimento produzido pela família tende a ser mais saudável, seguro e fresco, por ser cultivado sem agrotóxicos e por ser colhido no momento de consumo. Se há dúvidas sobre a qualidade do alimento que é produzido *versus* o que é adquirido, basta observar o relatório do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2022). O estudo indicou que um quarto das amostras analisadas de vegetais coletadas nos supermercados do Brasil foram consideradas impróprias para consumo, por excederem os limites legais de resíduos.

A produção para autoconsumo, além de garantir a reprodução social e alimentar das famílias, também abre portas para a comercialização de pequenos excedentes, o que pode evoluir para vendas diretas ou participação em políticas públicas como o PAA e o PNAE. Essa prática é essencial para a segurança alimentar e nutricional (SAN), ao promover e preservar a sociobiodiversidade nos territórios rurais.

Cada realidade permite ampliar a diversidade e a oferta de alimentos produzidos. As dietas atuais foram empobrecidas por mecanismos de mercado, com uso excessivo de açúcares, sais, amidos, conservantes e realçadores. Reifschneider (2015) alerta para o estreitamento da base alimentar, mesmo diante da ampla diversidade de espécies disponíveis. Das 300 mil plantas descritas, apenas 3 mil foram usadas para alimentação, e hoje cerca de 300 são consumidas, sendo 15 responsáveis por 90% da alimentação humana (como arroz, trigo, milho, mandioca, feijão e banana).

Descrição da Experiência

A atuação da Emater/RS-Ascar com foco em segurança e soberania alimentar tem como eixos o acesso aos alimentos, a educação alimentar, a cidadania alimentar e a qualidade dos alimentos. Estas ações desenvolvem-se prioritariamente através de reuniões, oficinas, intercâmbios, capacitações e demonstrações práticas junto a grupos organizados de mulheres, mas também mediante visitas de suporte de assistência técnica

e social a seus projetos e demandas. Essa atividade isoladamente é a ação com maior abrangência anual desenvolvida pelo serviço público de ATERS do RS. Em 2025, planejou-se atender em “segurança e soberania alimentar” 46.638 famílias em 482 municípios do RS (23% do total de famílias assistidas no ano anterior). Destas famílias, 40.346 participarão de práticas e ações vinculadas à produção para autoconsumo.

Nestes encontros, de forma dialógica, debate-se a temática, resgatando seus papéis e construindo um olhar crítico sobre a realidade coletiva ou individual, que permita perceber as ausências e projetar possibilidades reais, adequadas a cada contexto. Em uma reunião grupal, por exemplo, debate-se a importância do autoconsumo e visualiza-se um pomar ou horta doméstica que permita “colher saúde” o ano todo. Essa construção parte do conhecimento ali disponível, visualizado em um calendário anual pelo moderador, que intervém em determinados momentos sobre possibilidades de ampliação. Ao final, cada família recebe esse calendário, onde pode anotar frutas ou hortaliças para qualificar seu pomar ou horta, ampliando a oferta de espécies ou introduzindo outras, valorizando também frutas nativas. Nesse processo, o intercâmbio de sementes e mudas crioulas constitui uma base fundamental da ação.

Nas visitas individuais, parte-se do diálogo e do interesse manifestado pela família e, a partir da realidade que envolve área disponível, mão-de-obra, gosto alimentar e cultural, planejam-se com essa família as melhorias de disponibilidade das hortaliças, das áreas de cultivos de grãos e raízes, ou mesmo de pequenos animais. A figura 1 apresenta esquematicamente a resultante desta construção em que as ausências percebidas na produção para autoconsumo vão sendo visualizadas em forma de cronograma temporal.

A produção precede outras ações de educação alimentar, de aproveitamento adequado e de processamento caseiro. É nesse momento que se costuma dizer que há ações que somente a extensão rural consegue realizar – enquanto muitos apenas falam.



Cronograma

Planejamento da Produção para Autoconsumo	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
• Encomenda mudas de batata doce abóbora (Amélia)					x	x						
• Qualificação do pomar			x	x	x							
• Encomenda mudas frutíferas /Qualificar Pomar					x							
• Plantio Bergamota e laranja do tarde e caqui <u>choc. blanc</u>					x			x				
• Aquisição pintos postura									x			
• Seleção mudas mandioca 0,1m ³ /300 pl.						x						
• Cobrir 20m ² horta com sombrite verão											x	
• Construção Cisterna para reservação água / horta verão										x		
• Acessar semente crioula de feijão								x	x			



Figura 1. Esquema síntese de planejamento realizado com uma família para qualificar a produção para autoconsumo e ampliar a diversidade alimentar.



Fonte: Autor (2025).

Resultados

A ação da extensão rural em segurança e soberania alimentar busca fortalecer as bases da agricultura frente aos desafios impostos às famílias e aos territórios rurais. Ao problematizar os papéis da produção para autoconsumo, procura-se estimular uma resposta ativa dessas famílias, incentivando seu protagonismo nas decisões sobre sua alimentação, território e modo de vida. A atividade, que articula dimensões agropecuárias sociais, engaja atores sociais locais, como sindicatos e secretarias municipais, que passam a se envolver mais diretamente, orientando suas ações com base nas demandas que surgem do trabalho com as famílias. Isso contribui para resultados significativos e alinhados às realidades locais. Nesse contexto, a extensão rural exerce papel central ao mediar a troca de saberes que qualificam a produção para autoconsumo e seus papéis, promovendo a preservação da sociobiodiversidade dos territórios rurais.

A valorização da produção para autoconsumo é uma estratégia replicável e em qualificação contínua no Estado, com suporte Institucional através da gerência técnica da Instituição (GET) e do grupo de trabalho (GT) composto pelas 12 regionais da Emater/RS-Ascar. Essa abordagem se soma a outras frentes, como o apoio aos circuitos curtos de comercialização e às políticas públicas que se alimentam desta vertente, como PAA e PNAE.

Referências Bibliográficas

ANVISA. Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA): Plano Plurianual 2017-2022, Ciclos 2018-2019 e 2022. Brasília: Anvisa, 2023.

BERNARDI, L. E; SCHAFER, M. J. Sementes crioulas: diversidade, soberania e segurança alimentar. Lajeado, RS. Emater/RS-ascar., 2023. 20 p.

BONINE, D. P. Diversidade genética e de espécies nos cultivos e criações na agricultura familiar em duas localidades do município de Teutônia, RS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Não publicado.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. Estud. Soc. Agric., Rio de Janeiro, vol. 15, n. 1, 2007.

REIFSCHNEIDER, Francisco José Becker; NASS, Luciano Lourenco; HENZ, Gilmar Paulo (org.). Uma pitada de biodiversidade na mesa dos brasileiros. Brasília: [s. n.], 2015. 156 p.